I CONGRESSO CRIM/UFMG

INTERSECCIONALIDADE E FEMINISMOS

I61
Interseccionalidade e Feminismos [Recurso eletrônico on-line] I Congresso CRIM/UFMG: UFMG – Belo Horizonte;

Organizadores: Luiza Martins Santos, Mariana Karla de Faria e Raíssa Emmerich Santana - Belo Horizonte: UFMG, 2021.

Inclui bibliografia
ISBN: 978-65-5648-362-7
Modo de acesso: www.conpedi.org.br em publicações
Tema: Gênero, feminismos e violência.
1. Gênero. 2. Feminismo. 3. Interseccionalidade. I. I Congresso CRIM/UFMG (1:2021: Belo Horizonte, MG).

CDU: 34

I CONGRESSO CRIM/UFMG

INTERSECCIONALIDADE E FEMINISMOS

Apresentação

O CRIM/UFMG é um Programa de extensão universitária da UFMG sobre violência de gênero, proveniente do Projeto de Ensino, Pesquisa e Extensão em Crimes Contra a Mulher criado em 2019 por um grupo de estudantes universitárias da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que perceberam a necessidade de ampliar o espaço de debates, denúncias e enfrentamento da violência de gênero dentro da instituição.

O objetivo do Programa é trazer para o grande público questões relevantes referentes ao combate à violência de gênero de forma didática e acessível, de modo a contribuir em diferentes perspectivas, a partir da atuação estudantil em frentes com Profissionais de Saúde, Educação, Infância e Juventude bem como na abordagem de acolhimento de migrantes e refugiadas. Dessa forma, entende-se a necessidade de se desenvolver atividades – que não se limitem ao espaço acadêmico - por meio da criação grupos de estudos, eventos, campanhas de conscientização sobre o tema, além de ministrar oficinas, cursos e capacitação que abordem os diversos tipos de violências de gênero numa perspectiva de promoção da igualdade de gênero. Nesse sentido, o Programa, a partir de uma construção coletiva, busca romper com a cisão criada em uma sociedade desigual e assim, colocar como sujeitos políticos grupos historicamente marginalizados.

Nessa perspectiva, o I Congresso CRIM / UFMG - Gênero, Feminismos e Violência pretende incentivar o debate sobre os progressos e desafios em relação à temática gênero, considerando a integralidade da vivência do ser mulher em uma sociedade machista, cisgênera, heteronormativa, com claros atravessamentos de classe e raça.

O GT 1 - Interseccionalidade e Feminismos acolheu artigos que se desenvolveram a partir de uma perspectiva interseccional e da compreensão de como as discriminações de gênero se interligam com questões relacionadas à sexualidade, raça e classe. Temas que abordem as questões de gênero articulados com a divisão sexual do trabalho; a reconfiguração das práticas sociais e das relações trabalhistas decorrentes do capitalismo; os diversos processos culturais e identitários formativos relacionados à raça e sexualidade, sob perspectivas interdisciplinares. Foram propostas discussões sobre as diferentes estratégias de lutas por reconhecimento e direitos de movimentos democráticos contemporâneos, a partir de uma fundamentação teórica feminista que busca evidenciar a coexistência de mais de um sistema de opressão em relação às mulheres e outros agentes sociais.

A (RE) CONSTRUÇÃO DE NOVAS PRÁXIS: A INTERSECCIONALIDADE COMO FERRAMENTA DE DESCOLONIZAÇÃO.

LA (RE) CONSTRUCCIÓN DE UNA NUEVA PRAXIS: LA INTERSECCIONALIDAD COMO HERRAMIENTA DE DESCOLONIZACIÓN.

Milene Fádua Vieira dos Santos

Resumo

O feminismo decolonial vem trazendo outras pautas e, juntamente com a interseccionalidade, amplia o debate para categorias não antes contempladas no feminismo ocidental. Por esse motivo, o objetivo desse trabalho é discutir a importância da interseccionalidade na formação de novos debates feministas e na emancipação das mulheres do terceiro-mundo. Para realizar esse trabalho, as estratégias de pesquisa utilizadas foram quali-quanti e descritiva, por prezar não só a pesquisa empírica, mas também teórica.

Palavras-chave: Feminismo, Feminismo decolonial, Interseccionalidade

Abstract/Resumen/Résumé

El feminismo decolonial ha traído otras agendas y, junto con la interseccionalidad, amplía el debate a categorías no contempladas previamente en el feminismo occidental. Por esta razón, el objetivo de este trabajo es discutir la importancia de la interseccionalidad en la formación de nuevos debates feministas y en la emancipación de las mujeres del tercer mundo. Para realizar este trabajo, las estrategias de investigación utilizadas fueron quali-quanti y descriptivas, para valorar no sólo la investigación empírica, sino también la investigación teórica.

Keywords/Palabras-claves/Mots-clés: Feminismo, Feminismo decolonial, Interseccionalidad

INTRODUÇÃO

Assim como qualquer ciência não exata, as teorias feministas envolvem diferentes interpretações e juízo de valores. Pautas como igualdade entre os sexos e sufrágio estão na agenda, mas já não são o objeto principal. O feminismo nasceu da exaustão de mulheres que fizeram uma busca irreversível para criar um novo modelo de sociedade e, através disso, o mundo nunca mais fora o mesmo (GONZALES, 2020). Os feminismos contemporâneos vem desencadeado temas complexos e distintos, trazendo diferentes lentes para se observar a realidade da mulheres ao redor do mundo.

Dentre as diferentes vertentes feministas, o feminismo decolonial tem sido uma proposta importante para se discutir determinados temas. Ao propor a descolonização do feminismo, Lugones (2019) se utilizou da interseccionalidade (CRENSHAW, 1991) paradesenvolver suas críticas acerca da colonialidade (QUIJANO, 2005). Partindo de intelectuais da América Latina, o feminismo decolonial tem sido cada vez mais necessáriopara explicar a realidade social das mulheres de cor [1]

O feminismo decolonial é uma vertente em construção, uma vez que está continuamente ampliando seu debate para tentar dialogar com as diferentes intersecções sofridas pelas mulheres, principalmente as subalternas. A interseccionalidade é a ferramenta que nos permite reconhecer as opressões e também de percebermos que, às vezes, corroboramos com as violências (AKOTIRENE, 2019a).

Neste trabalho, por feminismo decolonial está se compreendendo toda e qualquer vertente feminista que tenha o compromisso de romper com as práticas do colonialismo e da colonialidade (QUIJANO, 1992), e de construir um movimento que acolha as diferentes categorias e formas de ser mulher, considerando os atravessamentos, ideias e epistemologias.

Considerando os apontamentos iniciais, a pergunta dessa pesquisa é: Como a interseccionalidade ajuda na ampliação e emancipação do femismo do terceiro-mundo?

[1] Mulheres de cor, cunhado nos Estados Unidos por mulheres vítimas da dominação racial, como um termo de coalizão contra as múltiplas opressões. Não se trata apenas de um marcador racial ou de uma reação à dominação racial, ele também é também um movimento solidário horizontal. “Mulheres de cor” é uma frase que foi adotada pelas mulheres subalternas, vítimas de diferentes dominações nos Estados Unidos. “Mulheres de cor” não propõe uma identidade que separa, e sim aponta para uma coalizão orgânica entre mulheres indígenas, mestiças, mulatas, negras, cheroquis, porto-riquenhas, siouxies, chicanas, mexicanas, pueblo – toda a trama complexa de vítimas da colonialidade do gênero, articulando-se não enquanto vítimas, mas como protagonistas de um feminismo decolonial (LUGONES, 2020, p.80).

Colocando a interseccionalidade como ponto principal de análise, o objetivo principal desse trabalho é mostrar como a interseccionalidade tem sido necessária para a ampliação e fundamentação de novas epistemologias feministas ao redor do mundo, principalmente para o mundo não-ocidental.

Dialogando com Akotirene (2019a), a interseccionalidade é um instrumento metodológico, ético e prático que condiciona o reconhecimento das diferentes opressõesvividas por mulheres subalternas sejam terceiro-mundistas ou não. Essas intercepções revelam privilégios não contemplados por mulheres negras, de cor, lésbicas, transexuais, travestis, indígenas, muçulmanas, entre outras.

Para realizar esse trabalho, as estratégias de pesquisa utilizadas forma quali-quantie descritiva. Quali-quanti porque verificou-se tanto as percepções, ideias, sentimentos das mulheres frente as lutas feministas, quanto dados estatísticos a respeito da criação leis e políticas públicas do Estados que resultam na proteção e emancipação das mulheres. No que tange ao método descritivo, análise-se sobre como o feminismo é entendido a depender da região, considerando as diferentes percepções degênero, raça, classe, religião e demais fatores que fizeram-se necessário.

DISCUSSÃO

O feminismo enquanto prática e teoria não é um fenômeno constate, isso se deve a multiplicidade de abordagens que ele carrega em seu cerne. Desde o princípio das primeiras manifestações feministas, muitas identidades foram reveladas a fim de expor seu descontentamento com os padrões socialmente impostos. De acordo com Miguel & Biroli (2014, p. 8) “o feminismo pressionou os limites da ordem estabelecida, é claro, mas também das formas de pensar o mundo que a legitimavam”.

A crítica das feministas de cor de forma alguma está negando “a importância histórica das mulheres brancas como ponto de partida e inspiração para a divulgação da opressão vivida pelas mulheres” (LIMA, 2019, p. 203), mas tenta desconstruir a padronização de raça, cor, gênero, entre outros, sobre os corpos que são hipersexualizados, não desejáveis e/ou demonizados. Recusando a ideia de inferioridade entre os sexos, o pensamentos feminista desenvolveu uma crítica ampla das relações sociais, sendo que “gênero, classe e raça não aparecem no feminismo do século XVIII e XIX da forma como foram desenvolvidas por parte das feministas posteriores” (MIGUEL, 2014, p. 21).

> Pois enquanto qualquer diferença entre nós significar que uma de nós tem que ser

> inferior, então o reconhecimento de qualquer diferença deve estar carregado de culpa. Permitir que as mulheres de cor abandonem os estereótipos é algo que provoca muita culpa, pois ameaça a complacência daquelas mulheres que só veem a opressão em termos de gênero (LORDE, 2019, p. 243).

A partir de experiências de mulheres negras estadunidenses, a intelectual Kimberlé Crenshaw (1991) cunhou o termo interseccionalidade para explicar os inúmeros atravessamentos vividos por essas mulheres nos EUA. Desde que o termo foi cunhado, a interseccionalidade tem sido cada vez mais necessária para difundir um pensamento feminista amplo e que configure as múltiplas identidades das mulheres. Por meio da interseccionalidade, muitas outras ideias e epistemologias feministas têm nascido e denunciado opressões em diferentes esferas. "Os paradigmas interseccionais nos lembram que a opressão não é redutível a um tipo fundamental, e que as formas de opressão agem conjuntamente na produção da injustiça" (COLLINS, 2019, p. 57). Os inúmeros pontos trazidos pela interseccionalidade possibilitaram o nascimento de novas perspectivas, localizando práxis não antes conhecidas.

> A interseccionalidade permite às feministas criticidade política a fim de compreenderem a fluidez das identidades subalternas impostas a preconceitos, subordinações de gênero, de classe e raça e às opressões estruturantes da matrizcolonial moderna da qual saem (AKOTIRENE, 2019a, p. 37-38).

A partir desse ponto, muitas outras vertentes feministas surgiram. A América Latina, a África, a Ásia e Oriente Médio têm ganhado cada vez mais adeptas as teorias feministas, cada uma construindo a seu modo um feminismo que seja capaz de explicar suas realidades mediante ao espaço em que ocupam geograficamente. Os feminismos de cor, terceiro-mundistas, subalternos, entre outros, nasceram de mulheres socialmente marginalizadas, cujas realidades não eram pautadas pelas primeiras ondas do feminismo.

> Qualquer discussão sobre a construção intelectual e política dos "feminismos do Terceiro Mundo" deve abordar dois projetos simultâneos: a crítica interna dos feminismos hegemônicos do "Ocidente", e a formulação de interesses e estratégias feministas baseadas na autonomia, geografia, história e cultura[2] (MOHANTY, 2008, p. 113).

A descolonização do feminismo proposto por Lugones (2019) tem encaminhado cada dia mais mulheres rumo a descentralização de práticas que as coloca às margens de suas

[2] Do original: Cualquier discusión sobre la construcción intelectual y política de las "feminismos del tercer mundo" debe tratar dos proyectos simultáneos: la crítica interna de los feminismos hegemónicos de "Occidente", y la formulación de intereses y estrategias feministas basados en la autonomía, geografía, historia y cultura.

próprias vidas. Essa descentralização resulta em novas formas de se pensar as mulheres, resultando em novas epistemologias, movimentos e ações. De acordo com Gonzalez (2020), o feminismo enquanto teoria prática vem desempenhando um papel importante nas novas formas de ser mulher.Por esse motivo, o feminismo decolonial vem ampliando e ressignificando o conceito, levando em consideração raça, classe e identidade de gênero como um dos principais pontos para um movimento mais inclusivo. Além desses, o feminismo decolonial considera religião, sexualidade, geopolítica, renda, escolaridade, estado civil e demais categorias que possam mostrar as múltiplas desigualdade vivenciadas pelas mulheres do terceiro-mundo[3].

> O feminismo decolonial, retomando boa parte dos postulados da opção decolonial e dos feminismos críticos, oferece uma nova perspectiva de análisepara entender de forma mais completa as relações derivadas de "raça, sexo, sexualidade, classe e geopolítica de forma imbrincada. Essas propostas feitas fundamentalmente por feministas indígenas e de origem indígena, afros, populares, lésbicas feministas, entre outras, questionam as maneiras em que os feminismos hegemônico, branco, branco-mestiço e com seus privilégios de classe entenderam a subordinação de mulheres desde suas próprias experiencias situadas em reproduções do racismo, o classicismo e o heterossexismo em suas teorias e nas classes políticas (CURIEL, 2019, p. 32).

É importante ressaltar que o feminismo decolonial não é uma vertente fechada, dentro dele há outras inúmeras perspectivas feministas (MINÕSO, 2014). Em termos figurativos, o feminismo decolonial é como uma matriosca, no qual a junção de várias perspectivas produz uma capaz de dialogar com diversas outras. No que condiz a formação epistemológica, as abordagens propostas pelas feministas decoloniais nos permite refletir os diversos feminismo em termos críticos (COSTA, 2020, p.288-289).

A partir da interseccionalidade, o feminismo decolonial vem abrangendo novas formas de análise acerca das opressões que as mulheres enfrentam todos os dias, principalmente aquelas que não se enquadram na normatividade imposta pelo cisheteropatriarcado (AKOTIRENE, 2019a). É preciso assentar que, o pensamento feminista negro é um dos responsáveis por aflorar novas perspectivas identitárias (HOLLANDA, 2020), tornado possível outras investigações metodológicas a respeito de opressões não antes denunciadas.

> A partir das novas ideias e comportamentos trazidos com o movimento feminista, especialmente em função das críticas do feminismo negro, a percepção sobre quem são as mulheres se ampliou, deixou de apenas se remeterà mulher branca, abastada, casada com filhos, e passou a acatar a humanidadee a feminilidade de mulheres outrora invisíveis: negras, indígenas, pobres, comnecessidades especiais, idosas, lésbicas, bissexuais, solteiras, e mesmo as transexuais (JESUS, 2014, p. 247).

Fugindo ao máximo de armadilhas epistêmicas que configurarem a centralizaçãode um pensamento vedado, o feminismo decolonial comporta uma construção mais "simétrica no

[3] As práticas da interseccionalidade não se restringem as mulheres descritas nesse resumo.

campo científico, filosófico e político no que se refere ao entendimento das agências mútuas entre o humano e não humano" (COSTA, 2020, p.289). As demandas do feminismo decolonial são múltiplas, visto que novas intersecções não param de aparecer. Quando Lélia Gonzalez (2020) propôs a construção de um feminismo afro-latino-americano, ela não estava falando somente de uma aproximação em caráter físico e epistemológico das mulheres da América Latina, mas da descolonização, desconstrução, desracialização das mulheres não-ocidentais.

A aproximação de epistemologias subalternas condiciona o nascimento de novas vozes, fornecendo metodologias que rompam com pensamento colonial. Reconhecer que novas formas de ser mulher existem, não só caminha para de fato para a descolonização dos corpos, mas para ampliação e garantia de novos direitos. "Recusar-se a reconhecer a diferença torna impossível enxergar os diferentes problemas e armadilhas que nós, mulheres, enfrentamos" (LORDE, 2019, p. 243). Nesse sentido, mesmo que venhamos a encontrar dificuldades mediante o olhar colonial da sociedade, um projeto feminista decolonial é feito por meio da persistência.

> A tarefa da feministas decolonial começa por ver diferença colonial, resistindo enfaticamente a seu próprio hábito epistemológico de apagá-la. Ao vê-la, ela enxerga o mundo com novos olhos, e então deve abandonar seu encantamentocom a "mulher", com o universal, e começar a aprender sobre outros e outras que também resistem à diferença colonial (LUGONES, 2019, p.371).

O debate sobre gênero tem sido uns dos principais pontos para a desconstrução dos discursos sobre a dicotomia dos corpos. Segundo Bento (2008, p. 35), "aquilo que evocamos como um dado natural, o corpo-sexuado, é resultado das normas de gênero". A partir das desconstruções que cercam os corpos marginalizados, novas metodologias vem se constituindo e somando na descolonização das produções feministas. Não é possível construir novas epistemologias se a interseccionalidade não for compreendida à luz dos atravessamentos vividos por esses corpos marginalizados, não desconsiderando as particularidades como um dos principais objetos de análise e compreensão do outro.

> As categorias analíticas e políticas, sexualidade, gênero e raça, têm pouco valor explicativo se consideradas fora de contextos mais amplos e complexos. O cruzamento de marcadores da diferença e da desigualdade nos alerta para a impossibilidade de análises essencialistas, naturalizantes e universais (BENTO, 2017, p. 30).

CONCLUSÃO

Portanto,"a interseccionalidade não é narrativa teórica de excluídos", (AKOTIRENE, 2019a, p. 53), ou seja, é preciso que nos lembremos que a interseccionalidade é uma ferramenta ancestral que possibilitou denunciar opressões sofridas primeiramente por mulheres negras. A partir desse ponto, o feminismo negro não tardou em construir epistemologias que reorientaram

novas críticas e possibilitaram o nascimento de outras vertentes feministas. Com base nas denúncias feitas pelas feministas negras, a interseccionalidade dá instrumentalidade aos feminismos subalternos, tornando possível que vozes marginalizadas sejam ouvidas.

> É na lógica desse pensamento decolonial que consideramos as epistemologias feministas das mulheres do Sul como uma maneira de resistir, a um só tempo, ao patriarcado e à colonialidade, essa que está tacitamente presente no feminismo euro-norte-americano, incapaz de enxergar a dor das mulheres que sofreram com a conquista colonizadora, mas que diante de toda violência sofrida resiste e propõe um feminismo outro, que considere e inclua as diferentes condições de vida das mulheres (LIMA, 2019, p. 202).

Sendo assim, o feminismo decolonial nasceu da necessidade de expor as demandas das mulheres atravessadas pela colonialidade do gênero (LUGONES, 2020), mas não é uma vertente restrita somente as mulheres colonizadas. O feminismo decolonial é uma proposta metodológica e prática para desencadear novas vozes e denunciar quaisquer violações que as mulheres sofram independente de onde esteja geograficamente localizadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

____. **Ó pa í, prezada: racismo e sexismo institucionais tomando bonde nas penitenciárias femininas**. São Paulo: Pólen, 2019.

BENTO, Berenice**. Transviadas: gênero, sexualidade e direitos humanos.** Salvador: EDUFBA, 2017.

____. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

COSTA, Maria da Graça. Agroecologia, ecofeminismos e bem viver: emergênciasdecoloniais no movimento ambientalista brasileiro. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org). **Pensamento Feminista Hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazardo Tempo, 2020.

CURIEL, Ochy. Construindo metodologias feministas desde o feminismo decolonial. In: SILVA, Diene Ellen Tavares *et al* (Org). **Descolonizar o feminismo**. Brasília: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Brasília, 2019.

CRENSHAW, Kimberle. **Mapping the margins: intersectionality, identity politics, and violence against woman color**. 1991. Disponível em: https://sph.umd.edu/sites/default/files/files/Kimberle_Crenshaw_Mapping_the_Margins.pdf

GONZALES, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org). **Pensamento Feminista Hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org). **Pensamento Feminista Hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Gênero sem essencialismo: feminismos transgênero como crítica de sexo**. Centro Universitário Planalto do Distrito Federal, 2014.

LIMA, Adriane Raquel Santana de. **Educação para Mulheres na América Latina: umolhar decolonial sobre o pensamento de Nísia Floresta e Soledad Acosta de Samper**.Curitiba: Appris Editora, 2019.

LORDE, Audre. Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org). **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org). **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

_____. Colonialidade e gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org). **Pensamento Feminista Hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MIGUEL, Luis Felipe. O feminismo e a política. In: MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI,Flávia. **Feminismo e a Política: uma introdução**. São Paulo: Boitempo, 2014.

MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e a Política: uma introdução**. SãoPaulo: Boitempo, 2014.

MOHANTY, Chandra Talpade. Bajo los Ojos de Occidente: feminismo académico y discursos coloniales. In: NAVAZ, Lilian Suárez; CASTILLO, Rosalva Aída Hernández (edit). **Descolonizando el feminismo**: **teorías y Prácticas desde los márgenes**. Universidad Autónoma de Madrid, 2008.

MIÑOSO, Yuderkys Espinosa. Feminismo decolonial: una ruptura con la visión hegemónica eurocéntrica y burguesa. In: TRISTÁN, Jose María Barroso. **Entrevista con Yuderkys Espinosa Miñoso**. Iberoamérica Social: revista-red de estudios sociales (III),2014.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidad y modernidad-racionalidad**. Perú, 1992.

___. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. BuenosAires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2008.

Região da América Latina e do Caribe é mais violenta do mundo para as mulheres. **ONU Mulheres**, 2017. Disponível em: <onumulheres.org.br/noticias/regiao-da-america-latina-e-do-caribe-e-a-mais-violenta-do-mundo-para-as-mulheres-diz-onu>.